



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Reverberações da migração AM - FM: sobre a função social do rádio local, desertos de notícia e zonas de silêncio¹

Reverberations of AM - FM migration: about the social roles of the local radio, deserts of news and zones of silence

Rafael Medeiros²

Nair Prata³

Resumo: O processo de migração do rádio AM para FM está transformando a estrutura do sistema de radiodifusão brasileiro e trazendo impactos, sobretudo para os ouvintes do interior. Um efeito colateral da migração é a diminuição do alcance das emissoras migrantes e até mesmo o fim da cobertura de rádios locais em zonas rurais ou áreas remotas, o que pode aumentar os desertos de notícia – cidades sem cobertura midiática local – e zonas de silêncio – cidades sem emissoras de rádio ou televisão. O presente trabalho aborda essa problemática, levando em conta a importante função social dos rádios locais e o processo de migração.

Palavras-chave: Migração; Rádio local; Zonas de silêncio; Desertos de notícia.

Abstract: The process of migration from AM to FM radio is transforming the structure of the Brazilian broadcasting system and bringing impacts, especially to the listeners of the interior. One side effect of migration is the reduction in the reach of migrant broadcasters and even the end of coverage of local radios in rural areas, which can increase news deserts - cities without local media coverage - and zones of silence - cities without radio or television stations. This paper addresses this problem, taking into account the important social function of local radios and the migration process.

Keywords: Migration; Local radio; Zones of silence; Deserts of news.

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Membro do Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia (UFSM). E-mail: rmedeiros13@gmail.com

³ Jornalista, doutora em Linguística Aplicada (UFMG), com estágio de pós-doutoramento na Universidad de Navarra (Pamplona, Espanha). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Diretora Científica da Intercom. E-mail: nairprata@uol.com.br



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Introdução

Durante sua história o rádio tem passado por diversas mudanças estabelecidas a partir do desenvolvimento tecnológico, de determinações da legislação ou da própria percepção de transformação do público. Em referência ao processo constante de transformação midiática, Fidler (1997) utiliza o termo midiamorfose para pensar esses fenômenos como a adaptação do sistema de comunicação às mudanças do ecossistema midiático, considerando que novos meios surgem a partir da metamorfose, das transformações, de meios antigos que seguem evoluindo e se adaptando às mudanças.

A partir desse conceito, Prata (2008) desenvolveu o termo radiomorfose para afirmar que o rádio busca essa adaptação e que o meio na internet, embora se configure com características hertzianas, “ao mesmo tempo insere novos formatos, enquanto reconfigura elementos antigos, numa mistura que transforma o veículo numa grande constelação de signos sonoros, textuais e imagéticos” (PRATA, 2008, p. 61). Lopez concorda que “o contexto da radiomorfose afeta práticas, gestão, formas de transmissão, de difusão e de fruição e a própria definição do formato e do conteúdo radiofônicos” (LOPEZ, 2017, p. 1). O rádio é um meio em transformação.

Em 2013 o Governo Federal oficializou o processo de migração de emissoras AM para FM, uma grande mudança que tem transformado diferentes esferas da radiodifusão brasileira de maneira abrangente e especialmente na estrutura das emissoras migrantes. O processo de migração tem submetido às rádios migrantes uma nova conformação, alterando suas formas de produção, as possibilidades de consumo dos seus conteúdos e, potencialmente, a sua audiência. As motivações apresentadas são relevantes e marcaram o início do fenômeno, mas não se pode desconsiderar a importância das emissoras em Amplitude Modulada para muitas comunidades que, após o desligamento do sinal AM, ficarão sem cobertura de rádio local, já que o alcance em AM é maior que em FM.

O artigo se desdobra de uma pesquisa de recepção realizada entre ouvintes de uma rádio local de Ouro Preto, Minas Gerais, com o objetivo de identificar possíveis



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

mudanças nas experiências de escuta e produção de sentidos a partir do processo de migração da emissora para FM. Através de pesquisa bibliográfica, o estudo aqui proposto busca flexionar questões referentes à função social do rádio local para as comunidades interioranas e as inseguranças trazidas pelo processo de migração, que pode amplificar as chamadas zonas de silêncio e, por conseguinte, os desertos de notícia no Brasil.

O processo de migração do rádio AM para FM no Brasil

As mudanças na estrutura das emissoras AM representam um pedido antigo dos radiodifusores baseado na queda de rendimento dessas rádios após longo período de desvalorização pela falta de interesse do Governo, pelas mudanças tecnológicas que beneficiaram apenas a Frequência Modulada e pela concorrência por anunciantes que foi ampliada pelas redes digitais e pela introdução de novos dispositivos. Os investimentos no sistema de TV digital fizeram acirrar ainda mais essas reivindicações dos donos de rádio ao passo em que essa digitalização das emissoras de TV representou uma possibilidade para a mudança preterida no sistema brasileiro de radiodifusão sonora.

Os principais motivos apontados pelo então Ministério das Comunicações para a migração são ligados à melhora da qualidade do som, menor interferência no sinal e a possibilidade da sintonia através de dispositivos móveis como smartphones – que suportam apenas a faixa FM. Além disso, fatores econômicos também podem ser apontados como motivação para o início desse processo, uma vez que as emissoras AM vinham sofrendo com a queda de audiência e anunciantes (FARIAS; ZUCULOTO, 2017, p. 9) e os canais liberados por essas rádios poderão ser usados por empresas de telefonia. É preciso deixar claro que a maioria dos dados disponíveis sobre variações de audiência⁴ – e, ainda, por conseguinte, de anunciantes – no rádio são de pesquisas

⁴ Pesquisas da Kantar Ibope Mídia que monitoram os índices de audiência do rádio nas regiões metropolitanas brasileiras apontam que, entre setembro e novembro de 2016, 8,3% dos ouvintes de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

realizadas em regiões metropolitanas, o que pode não representar a realidade dos interiores do Brasil. Desse modo, o próprio governo usa dados gerais para justificar as motivações do início do processo de migração e desconsidera as diversas particularidades das rádios e audiências locais.

Após estudos realizados desde 2010, o processo foi oficializado pela então presidenta Dilma Rousseff no dia 07 de novembro de 2013 através do Decreto 8.139 (BRASIL, 2013). Durante a cerimônia de oficialização do início da migração, o então presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) destacou que “a assinatura do decreto é o fato mais relevante para o rádio AM nos últimos 50 anos” (SLAVIERO *apud* MACEDO, 2013, s.p). A estagnação da radiodifusão brasileira, sobretudo das emissoras AM, é de fato notória também porque se trata de um sistema baseado em uma legislação antiga, ultrapassada e que desconsidera diversos desenvolvimentos tecnológicos já assimilados por uma parcela considerável de ouvintes e até mesmo por muitas empresas de comunicação como, por exemplo, o consumo de rádio em mobilidade.

Como exemplificação desse comportamento de consumo radiofônico, Del Bianco e Prata (2018) esclarecem que “o celular se converteu na principal porta de entrada para o consumo de rádio, além de alargar as formas de mobilidade antes restritas aos aparelhos transistorizados e de automóvel” (DEL BIANCO; PRATA, 2018, p. 99). Ao disponibilizar no mercado apenas aparelhos celulares e sons automotivos que são compatíveis exclusivamente com a sintonia do rádio em FM, a indústria acelerou o enfraquecimento das emissoras AM e contribuiu, dessa maneira, para a aceitabilidade do processo de migração. Embora muitas emissoras AM – mesmo as locais – transmitam também via streaming pela internet, é necessário levar em conta, mais uma vez, a qualidade da conexão e o alcance ainda limitado dos serviços. O consumo de rádio em mobilidade permitiu ainda aumentar os potenciais interativos do meio, complexificar narrativas usando espaços agora multimidiáticos. Dessa forma, consumir

rádio em Belo Horizonte estavam sintonizados em emissoras AM, já entre novembro de 2017 e janeiro de 2018 esse número caiu para 6,9% (KANTAR IBOPE MEDIA, 2018a; 2018b).

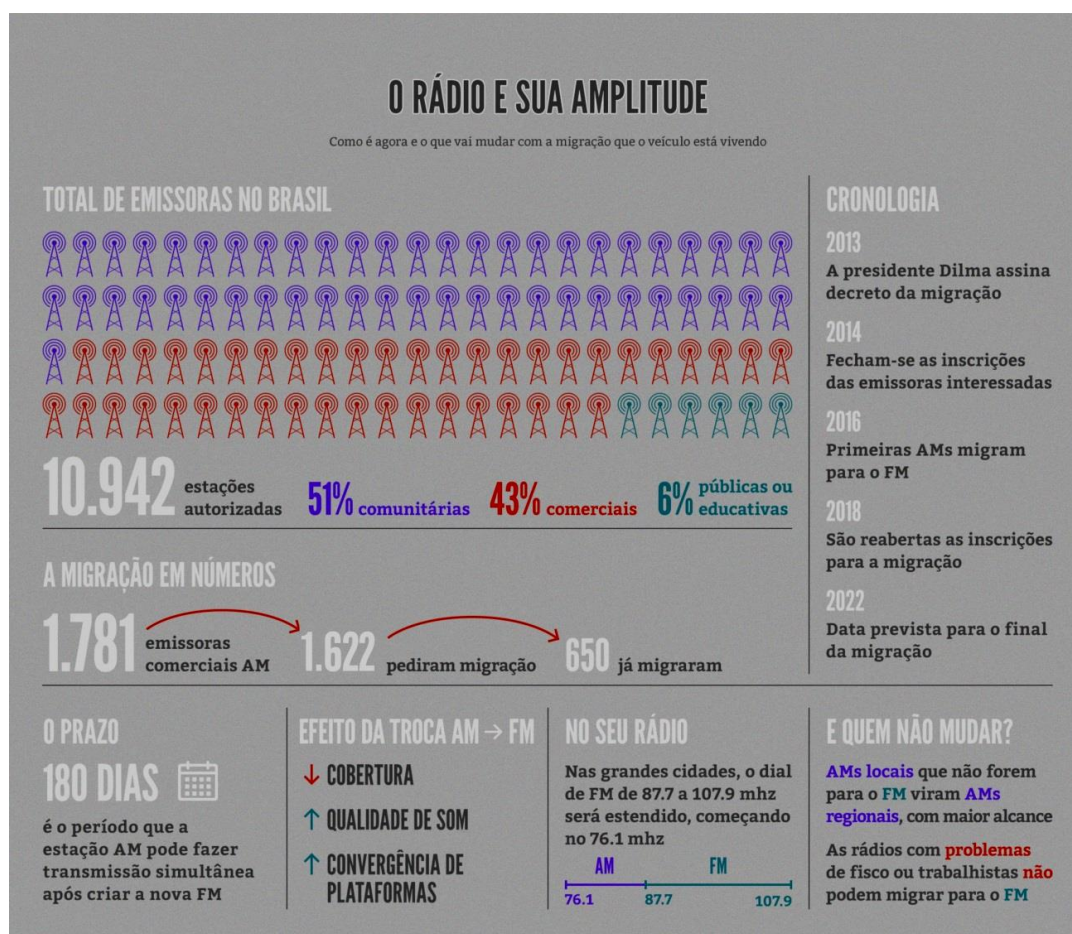


III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

rádio em mobilidade não se trata apenas da possibilidade de escuta pelo celular, mas representa uma mudança na estrutura da radiodifusão sonora, nas experiências de escuta e modos de consumo do áudio – transformações que não incluíam as tradicionais emissoras AM. O infográfico a seguir pormenoriza algumas informações sobre o processo de migração.

Figura 1 – Os números da migração⁵

Figure 1 – Migration numbers



Fonte: Adaptado de Bertolotto e Gerab (2018) com dados da ABERT e do MCTIC (2018)

⁵ Dados do mês de maio de 2018. As atualizações não são feitas com frequência pelo MCTIC.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Nesse cenário, das 1.781 emissoras comerciais que operavam em AM no Brasil, 1.622 solicitaram a mudança de frequência e 650 delas já estão operando na faixa de FM⁶. A primeira emissora a concluir o processo de migração foi a Rádio Progresso, de Juazeiro do Norte, no Ceará, que passou a operar em FM no dia 18 de março de 2016. Uma preocupação que se tem quanto ao processo de migração é a redução da área de cobertura das emissoras depois da ida para a faixa de FM. O estudo inicial da ABERT (2010) sobre a viabilidade da migração considera acertadamente que as emissoras brasileiras em AM atualmente não têm mais um caráter expansivo, elas não mais transbordam para outros estados e menos ainda para outros países, pelo contrário, elas se voltam para suas localidades tanto em cobertura quanto na formatação de suas programações. Porém, a diminuição do alcance das emissoras após a migração vai afetar populações de áreas remotas e comunidades. É preciso, portanto, relativizar esses dados que indicam baixa expansividade das emissoras em AM e um possível aumento da área de alcance após a migração quando se pensa em um país de tamanho continental como o Brasil, com múltiplas representações sociais e geográficas. Muitas localidades no país não têm sequer acesso a sinal de televisão ou de telefone, para as populações desses lugares o único meio de informação é o rádio AM.

O efeito colateral é que a mudança ondulatória da amplitude modulada (AM) para a frequência modulada (FM) vai diminuir drasticamente o alcance, abandonando justamente o público mais dependente desse modelo: as populações das pequenas cidades, campo, sertões e florestas. Ou seja, mais convergência e menos abrangência (BERTOLOTTI, 2018, s.p).

Para além dos fatores técnicos do processo de migração, pensando na função social que as emissoras AM desempenham e considerando o fenômeno como um todo, em sua importância e magnitude, a pesquisadora Daniela Ota, citada por Bertolotto (2018), destaca que “nas rádios pantaneiras ainda tem o tradicional programa de recados. Pessoas avisando que vão chegar de viagem, quem morreu, quem nasceu. O

⁶ Dados da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) atualizados no mês de maio de 2018 (MASSARO, 2018).



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

rádio é essencial ali, e a mudança para a FM vai prejudicar essa população” (OTA *apud* BERTOLOTTI, 2018, s.p).

A migração pode potencializar dois fenômenos preocupantes no cenário comunicacional e social brasileiro: a existência de desertos de notícias e zonas de silêncio. O próximo tópico problematiza alguns possíveis efeitos da migração para o rádio local apresentando também a dimensão atual dos desertos de notícias e zonas de silêncio.

O rádio local entre desertos de notícia e zonas de silêncio

Em muitas cidades do interior o rádio exerce uma posição de centralidade em diversos aspectos da vida social, anunciando objetos perdidos, veiculando notas falecimentos, convites para missas e até mesmo servindo de elo de comunicação entre pessoas da sede do município e habitantes da zona rural através de recados individuais que um cidadão destina a outro (RADDATZ, 2011). As emissoras locais têm capacidade de reforçar laços socioculturais porque a rádio “está centrada na vida social, econômica, política e cultural de sua área de abrangência e também em tudo o que ocorre em seu exterior e que tenha repercussões na vida da comunidade” (CEBRIÁN HERREROS, 2001, p. 98, tradução nossa⁷). Nesse sentido, Soares, citada por Bertolotto (2018), expõe que “a AM entra pelos igarapés até as comunidades ribeirinhas. Nas casas de farinha, o som é do radinho. Ele fortalece nossa identidade e traz conhecimento. Na Amazônia, ela é tão primordial como o WhatsApp para as pessoas da cidade” (SOARES *apud* BERTOLOTTI, 2018, s.p). Assim, “o local coloca em forma o mundo da vida diária, sendo ele próprio fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que faz o vínculo social” (BOURDIN, 2001, p. 36).

⁷ No original: Se centra en la vida social, económica, política y cultural de cada lugar o bien en todo cuanto se genera en el exterior con repercusiones en la vida de la localidad.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

No contexto de desenvolvimento do processo de migração, algumas dessas características do rádio na relação com a audiência deverão ser alteradas. Tomando como base o município de Ouro Preto, onde a pesquisa empírica foi realizada, alguns distritos ficarão sem a cobertura da Rádio Itatiaia após o desligamento do sinal AM. Isso representa um impacto no que diz respeito à identidade local, já que a mídia ajuda a conformar ou modificar modos identitários, uma vez que “o consumo cultural midiático participa da organização da cotidianidade e da conformação da competência cultural” (RONSINI, 2007, p. 70). Além disso, a população das regiões que ficarão sem o sinal da Rádio Itatiaia Ouro Preto perderá uma fonte de informação muito importante no que diz respeito a notícias oficiais, já que é através da emissora que a prefeitura leva até os distritos informações sobre campanhas de vacinação, coleta de lixo, atendimento médico e outras de caráter extremamente relevante para a população desses lugares e do município de maneira abrangente.

É pertinente nesse momento expor que existem diversos desertos de notícias no Brasil, isto é, municípios que não contam com sequer um meio jornalístico local. Pesquisa realizada em 2018 pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (ProJor)⁸, mantenedor do Observatório da Imprensa, mapeou cerca de doze mil veículos de comunicação e constatou que 15% da população nacional, em 51% dos municípios, “vive em desertos de notícia – municípios sem a presença registrada de veículos jornalísticos locais, como jornais, sites noticiosos, emissoras de TV e rádios” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2018). Além disso, 30% dos municípios brasileiros são considerados quase desertos, contando com apenas um ou dois canais noticiosos, assim, 64 milhões de pessoas vivem em desertos ou quase desertos de notícias. O mapa a seguir (Figura 2) representa onde estão localizados os desertos e quase desertos de notícias no Brasil, segundo a pesquisa.

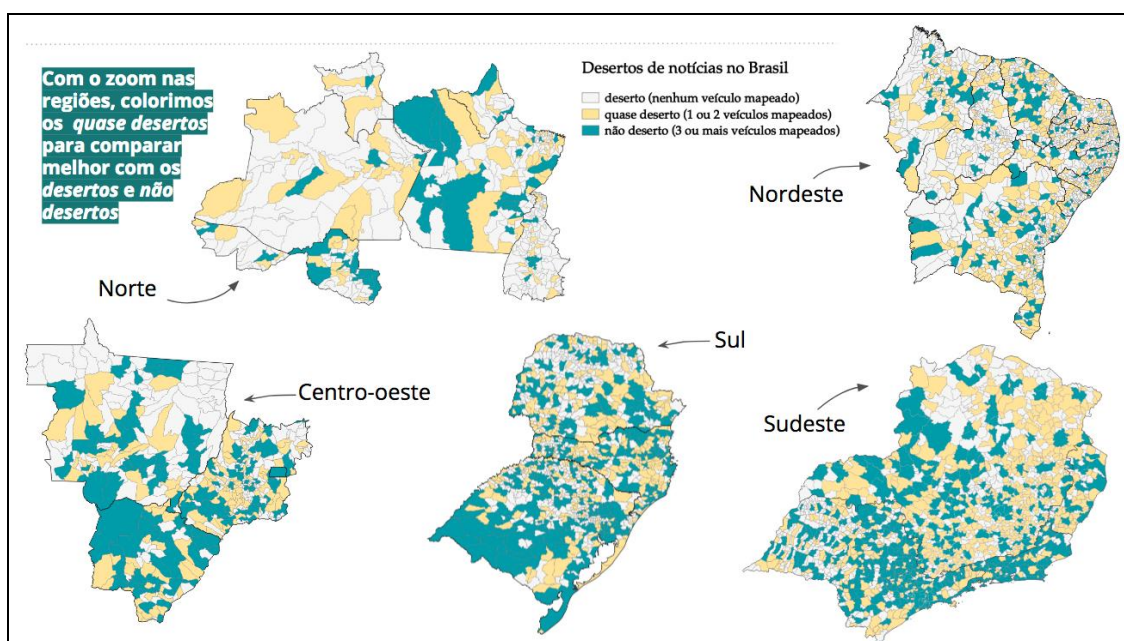
⁸ Chamada de Atlas da Notícia, a pesquisa tem o objetivo de mapear veículos produtores de notícias no Brasil, com olhar prioritário para o jornalismo local. A metodologia se baseia na contabilização e localização de veículos de notícia no Brasil, através de levantamento próprio e de outros institutos, incluindo o IBGE e MCTIC.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Figura 2 – Os mapas dos desertos de notícia no Brasil

Figure 2 – Maps of the deserts of news in Brazil



Fonte: Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (2018).

Pesquisa do Instituto Ipsos⁹ realizada em 2018 colocou a população brasileira como a quinta que tem a percepção mais equivocada da própria realidade entre a de 37 nações incluídas no estudo (IPSOS, 2018). Considerando que a mídia afeta diretamente a percepção das pessoas sobre a realidade, os desertos de notícias podem ser vistos como importantes agentes na desinformação da população. Para Hack e Rosa (2019, s.p.), “não há como reconhecer uma realidade sobre a qual não se tem acesso. E não estamos falando de uma realidade em nível nacional apenas, mas de uma realidade local, com a qual os cidadãos têm contato e que influencia diretamente em suas ações”. Correlato a isso, os desertos de notícias deixam ainda espaço para fontes de informação

⁹ O levantamento foi realizado entre 28 de setembro e 16 de outubro de 2018 através de entrevistas com 28.115 pessoas de 37 países e compara a percepção desses sujeitos sobre assuntos relacionados a crimes, meio ambiente, sexo, saúde, economia e população com dados oficiais fornecidos pelos governos.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

não confiáveis e para a propagação de *fake news*¹⁰ que afetam diretamente a vida das pessoas, sobretudo as que vivem em áreas com menos desenvolvimento social. Dados da pesquisa do ProJor apontam que “os municípios do norte e nordeste têm o pior cenário em relação à cobertura regional: até 70% das cidades do norte do país estão em desertos de notícias, enquanto no Sudeste o índice cai para 38%” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2018).

Além dos desertos de notícias, o ProJor mapeou também as zonas de silêncio, que são cidades sem nenhuma emissora de rádio ou televisão. Considerando que, desde a sua popularização, o rádio sempre foi o meio de comunicação mais abrangente em todo o país, tendo a possibilidade de chegar a comunidades onde nenhuma outra modalidade midiática consegue acessar, as zonas de silêncio são menores que os desertos de notícia, mas mesmo assim os dados divulgados pela pesquisa com foco em radiodifusão mostram que 25% dos brasileiros não têm acesso a emissoras locais de rádio ou televisão.

O mapa seguinte (Figura 3) mostra onde estão localizadas as zonas de silêncio no Brasil.

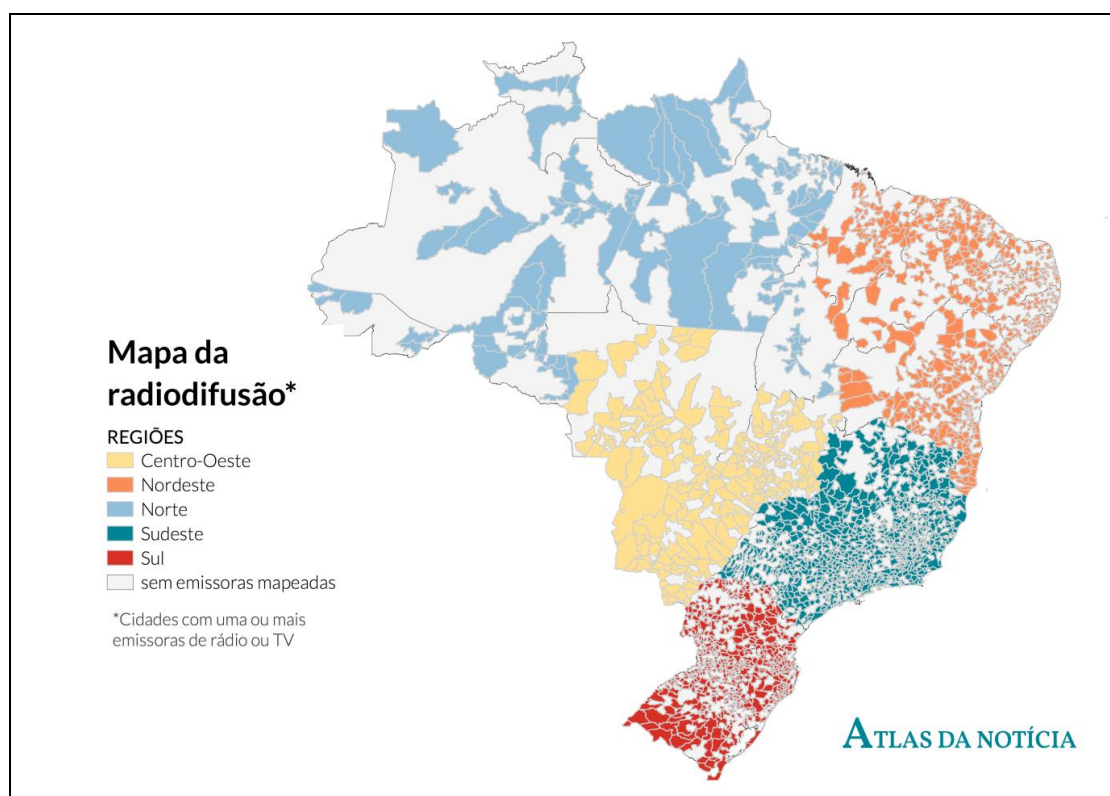
¹⁰ A temática das *fake news* se popularizou mundialmente após as eleições estadunidenses de 2016 e teve grande impacto nas eleições brasileiras de 2018. Müller e Souza (2018, p. 2) afirmam que “notícias falsas”, ‘mentiras’, ‘boatos’, ‘fatos alternativos’, entre outros, têm sido utilizados como sinônimos ou equivalentes à ‘fake news’. Os autores recorrem a Marshall (2017) para afirmar que “as fake news têm se mostrado como uma epidemia da sociedade da informação, não apenas da internet ou da mídia” e citam Gelfer, que reitera que “qualquer definição putativa de “fake news” deve estar situada em relação a [...] variadas formas de desinformação pública e às distorções dos processos comunicativos” (GELFER *apud* MÜLLER; SOUZA, 2018, p. 2).



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Figura 3 – Zonas de silêncio no Brasil

Figure 3 – Zones of silence in Brazil



Fonte: Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (2018).

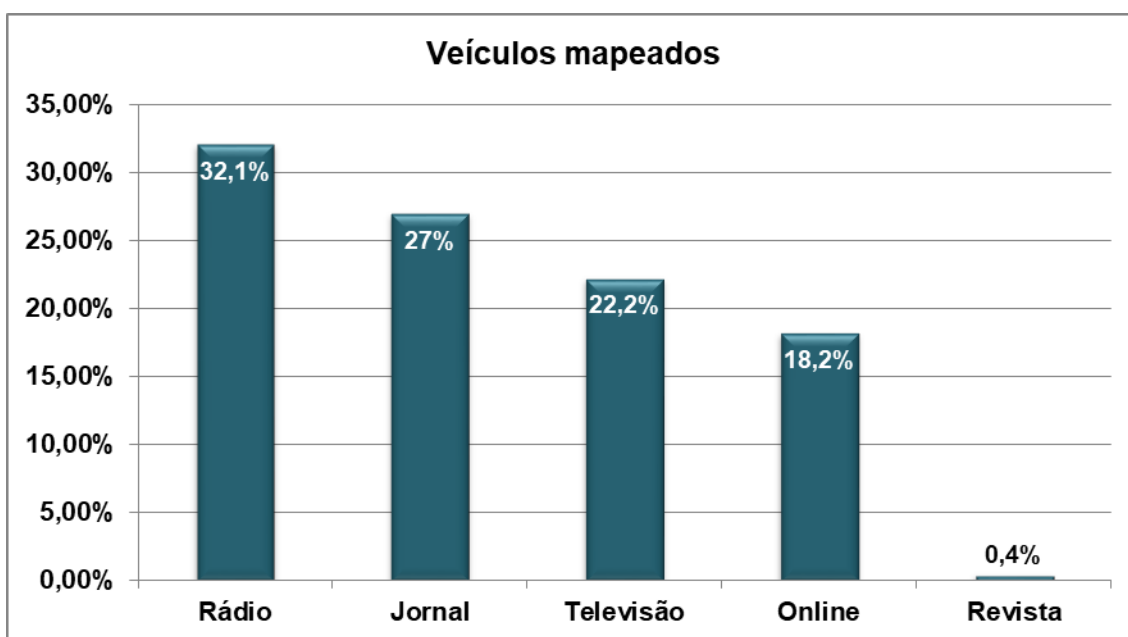
O rádio ainda é importante e insubstituível quando se considera a imediatividade do meio e as divisões geopolíticas das localidades, já que informações e avisos cotidianos referentes ao município onde esses lugares estão vinculados são veiculados pelos meios de comunicação locais. A pesquisa mostra que a população de regiões mais afastadas dos grandes centros é dependente do rádio e que cidades menores tendem a ter cobertura menos satisfatória. Cidades consideradas desertos de notícia têm em média 11 mil habitantes. O gráfico a seguir mostra que o rádio segue tendo importância expressiva entre os meios de comunicação no Brasil por sua abrangência e facilidade de acesso.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Gráfico 1 – Mídias mapeadas pelo Atlas da Notícia

Graph 1 – Media mapped by the Atlas da Notícia



Fonte: Adaptado de Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (2018).

Segundo o MCTIC, as rádios AM nacionais e regionais que se recusaram a aderir ao processo de migração continuam operando normalmente, mas existem pesquisas¹¹ que afirmam que o atual modelo do AM não se sustentará por muitos anos e que as emissoras AM não migrantes na prática deixarão de existir ou estarão ainda mais isoladas no universo da radiodifusão nacional¹².

Considerações finais

Como processo recente e com desdobramentos ainda emergentes, os resultados da migração se apresentam como uma incógnita, no entanto é possível observar alguns

¹¹ CURADO, 2015; JOBIM, 2015; FARIAS e ZUCULOTO, 2017.

¹² Grandes redes, como o Sistema Globo de Rádio, já estão eliminando parcerias com afiliadas que permaneceram operando em AM. Conforme Massaro (2018, s.p.), “o Sistema Globo de Rádio já não afilia mais emissoras na faixa AM há pelo menos dois anos, mantendo apenas as afiliadas AMs que já estão em processo de migração para a faixa FM. Toda a expansão recente envolveu rádios FMs”.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

aspectos da radiodifusão que estão sendo modificados pelo fenômeno tanto nas rotinas internas das emissoras quanto na perspectiva do ouvinte. Um dos desdobramentos já conhecidos da migração é a diminuição do alcance de emissoras locais migrantes, já que a amplitude do sinal em AM é maior que em FM.

Essa diminuição do alcance se torna uma preocupação para rádios migrantes e para comunidades que deixarão de contar com seu principal meio de comunicação. Para localidades distantes dos centros urbanos, o rádio é a única forma de acesso a informações sobre serviços básicos como coleta de lixo e vacinação, muitas vezes é ele que serve de relógio e até mesmo como portador de recados entre moradores, o rádio noticia objetos perdidos e compartilha com os sinos das igrejas os avisos de falecimentos e horários de missas.

Em um país com severas áreas de desertos de notícias e zonas de silêncio, a diminuição da abrangência do meio de comunicação mais popular do país pode representar um agravamento da desinformação e da percepção equivocada sobre a realidade. Historicamente a consolidação das grandes mudanças envolvendo a radiodifusão e o conhecimento dos seus efeitos demoram alguns anos. Apesar da possibilidade de fazer inferências com base no andamento do processo e na radiografia da radiodifusão sonora, é possível apontar, nesse sentido, que a totalidade do processo de migração (e de não migração) das emissoras AM ainda apresenta mais interrogações que respostas.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Referências bibliográficas

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **A extensão da faixa de FM (eFM) e a migração da faixa de OM: O quê fazer com os canais 5 e 6 da televisão na era digital.** Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=244137>. Acesso em: 28 jun. 2019.

BERTOLOTTO, Rodrigo; GERAB, Marcelo. **País sem sintonia:** depois de integrar o Brasil por décadas, o rádio vive mudanças que podem provocar o efeito contrário. UOL, 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/radio/#pais-sem-sintonia>. Acesso em: 29 jun. 2019.

BOURDIN, Alain. **A questão local.** Trad. Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Decreto nº 8.139, de 07 de novembro de 2013. Dispõe sobre as condições para extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 08 nov. 2013. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/legislacao/decretos/637-decreto-8139>. Acesso em: 12 jun. 2019.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergência multimedia.** Barcelona: Gedisa, 2001.

CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM:** processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica. 2015. 194 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

DEL BIANCO, Nélia; PRATA, Nair. Rádio, mobilidade e ubiquidade: análise do projeto de inclusão mobile digital da Abert. *In: Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 99-117, Jan. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442018000100099&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 jul. 2019.

FARIAS, Karina Woehl de. ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM. *In: Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 08, n. 02, pp. 138-159, jul./dez. 2017.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis** – understanding new media. California: Pine Forge Press, 1997.

HACK, Wellington Felipe; ROSA, Marluza. Desertos de notícias, oásis de desinformação. *In: Observatório da Imprensa*. [s.l.]: Atlas da Notícia, 08 jan. 2019. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia/desertos-de-noticias-oasis-de-desinformacao/>. Acesso em: 14 jul. 2019.

INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO. **Atlas da Notícia: Mapeando o jornalismo local no Brasil**. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

JOBIM, Ruy. Um papo sobre o rádio carioca, Prêmio Rádio Rio e também a migração. *In: Tudo Rádio*. Disponível em: <https://tudoradio.com/entrevistas/ver/150-ruy-jobim>. Acesso em: 11 abr. 2019.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Book de Rádio**. 2018a. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2018/09/Book-de-R%C3%A1dio-2018.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2019.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Audiência de Rádio Grande Belo Horizonte Setembro a Novembro/2016**. 2018b. Disponível em <https://www.kantaribopemedia.com/grande-belo-horizonte-setembro-a-novembro-2016/>. Acesso em: 04 abr. 2019.

LOPEZ, Debora Cristina. La radio en narratives immersives: le contenu journalistique et l'audience. Trad. Debora Cristina Lopez. *In: POULAIN, Sebastien (org.). La radio du futur: du téléchromophotophonotétroscope aux postradiomorphoses, Cahiers d'histoire de la radiodiffusion*, n°132, avril-juin, 2017.

MACEDO, Danilo. **Dilma assina decreto autorizando migração de rádios AM para FM**. [s.l.]: Tecnologia, 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2013/11/dilma-assina-decreto-autorizando-migracao-de-radios-am-para-fm>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

MASSARO, Carlos. Rádio amplia esforços no cenário internacional para seguir relevante entre as montadoras de automóveis. *In: Panorama Tudo Rádio*, 28 maio 2018. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/19645-panorama-radio-amplia-esforcos-no-cenario-internacional-para-seguir-relevante-entre-as-montadoras-de-automoveis>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MÜLLER, Felipe de Matos; SOUZA, Márcio Vieira de. Fake News: Um problema midiático multifacetado. *In: International Congress of Knowledge and Innovation - Ciki*, [S.l.], v. 1, n. 1, set. 2018. Disponível em: <http://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/511>: Acesso em: 11 abr. 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. 30% dos municípios brasileiros correm o risco de virar desertos de notícias. *In: Atlas da Notícia 2.0*: Todas as mídias no novo levantamento. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia-2-0/30-dos-municipios-brasileiros-correm-o-risco-de- virar-desertos-de-noticias/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Rádio AM "avisa": uma expressão da cultura local. *In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs.). Mídia sonora em 4 dimensões*: 1ª ouvintes e falantes, 2ª memória política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011.

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de Sentido**: consumo de mídia em identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.